

# Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. jub. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto  
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

No trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Trás-os-Montes*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. xxii, fasc. 4.º, págs. 353 a 515, 31 desenhos e LIII Est. com figs. 32 a 131, estudámos e publicámos um total de 49 berrões proto-históricos, encontrados em Trás-os-Montes e na Beira Douro confinante.

Este número, quase meia centena, muitos deles achados em castros, levou-nos a emitir a hipótese de se poder considerar a *cultura dos berrões* como uma notável manifestação espiritual de veneração zoolátrica, com remotas e fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos, e, muito possivelmente, atribuível à tribo pré-céltica dos *Draganos*.

O Sr. Elísio Óscar Capelas de Avelar, proprietário em Freixo de Espada-à-Cinta, que sempre foi excelente companheiro, e guia, nas pesquisas que várias vezes fiz ao *Castro do Monte de Santa Luzia*, escreveu-me em fins de 1974 a comunicar o aparecimento de alguns pedaços de porcos de pedra encontrados na *Coraceira*, terrenos circundantes e anexos ao *Castro do Monte de Santa Luzia*, que fica a um pouco mais de 1 km a norte de Freixo.

Esses destroços tinham aparecido ao lavrar os terrenos da *Coraceira*, e os lavradores tinham-nos posto à borda dos campos.

Na companhia do Sr. Elísio Capelas Avelar ali fomos em 1 de Março de 1975 e apanhámos os novos achados.

A eles aludi no final do meu trabalho acima referido em nota da pág. 515.

São sete os novos achados, a saber: 2 berrõezinhos mutilados, 2 focinhos de porcos, 1 troço cilindróide, possivelmente a metade posterior do corpo de outro berrãozinho e 2 pedras estranhas de interpretação embaraçosa.

Confirmou-se a previsão, que formulei, do provável aparecimento de mais berrões <sup>(1)</sup>.

Na Quinta de Santiago, termo da freguesia de Ligares, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, aparecera em 1935 um tourinho de pedra que o então proprietário da quinta, Sr. Artur de Almeida Guerra, ofereceu ao Museu de Bragança. Ali o fui estudar e o publiquei nas págs. 418 a 420 do trabalho acima citado.

Ultimamente tive conhecimento de que na Quinta de Santiago, aparecera mais um berrãozinho inteiro. Ali o fui ver e fotografar. Conserva-se em cima duma parede sujeito a ser quebrado pelo primeiro rústico, que sonhe três noites a fio que o berrão encerra no ventre um tesouro.

Ocupar-nos-emos, embora sumariamente, dos 7 novos achados da *Coraceira*, do berrãozinho de Santiago, e, por fim, dos animais, possivelmente lobo e raposa, existentes nos cunhais duma velha casa da rua das Carcavelhas, em Mairós, concelho de Chaves.

---

<sup>(1)</sup> Fui informado de que na freguesia de Água Revés e Crasto, do concelho de Valpaços, existia mais um berrão incorporado numa parede. Esta informação vinha confirmar o que o Padre Carvalho da Costa escreveu na sua *Chorographia Portuguesa*, Lisboa, 1706, T. I. «Na Vila de Agua Revez está uma pedra com a forma de um urso». Em Maio de 1977 fui procurá-lo. Ninguém ali me deu sinais de tal berrão. A menos que tenha sido estilçado, é bem possível que um dia venha a ser achado.

## OS NOVOS BERRÕES DA CORACEIRA

1 — Comecemos pelo berrãozinho, a que faltam a cabeça, cortada cerce pela raiz do pescoço, e as extremidades dos membros, se é que as chegou a ter (Fig. 1 e Est. I, Fig. 9).

Foi achado no cabeço da Coraceira, a sw do Monte de Santa Luzia.

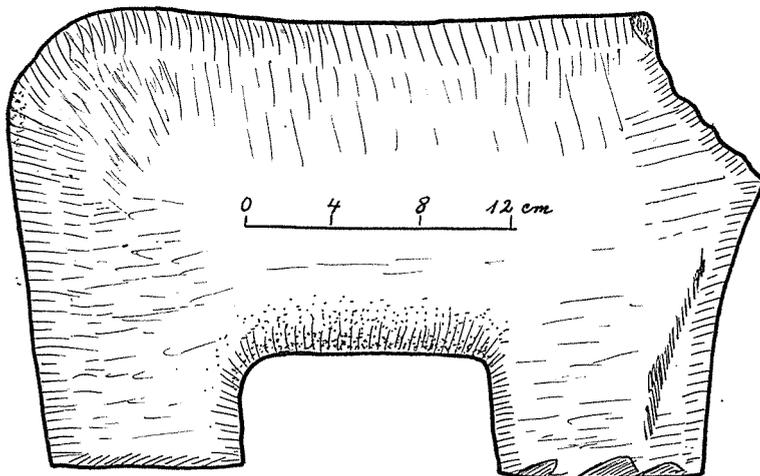


Fig. 1 — Berrãozinho do Cabeço da Coraceira a SW do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta).

Está bastante bem modelado, em granito de grão fino; tem 33 cm de comprimento, 20 cm de altura, no aprumo das patas posteriores, e 21 cm no aprumo das anteriores. Perímetro nas virilhas 48,5 cm e nas axilas 47,5 cm.

Na traseira não se nota nem ânus nem indicação de sexo.

Trata-se sem dúvida de um porquinho, infelizmente mutilado.

2 — Berrão em granito de grão fino, achado no Cabeço da Coraceira, a sw do Castro do Monte de Santa Luzia. Está bastante mutilado do lado direito (Est. II, Figs. 10 e 11). Do

lado esquerdo está mais perfeito, tendo na anca três sulcos com 2 a 3 cm de comprimento, quase paralelos, dois dos quais foram avivados pelos achadores.

Deste lado esquerdo tem, bem nítido, um saliente, oblíquo de baixo para cima e de diante para trás, seguido de goteira, que marca, por assim dizer, a linha que separa o pescoço da espádua.

Faltam-lhe as patas.

Tem na traseira uma grande cova em concha, com 7 cm de altura por 5 a 5,5 cm de largura.

No focinho não se lhe distingue nem boca nem olhos.

Tem de comprimento 24 cm, altura no aprumo das patas anteriores 13 cm e no das posteriores 15 cm. Perímetro a meio da curvatura abdominal 38,5 cm.

3 — Grande focinho de porco de granito de grão fino, também aparecido no cabeço da Coraceira a sw do Monte de Santa Luzia.

Tem de comprimento, entre verticais, 42 cm, e de altura mede 24 cm. Perímetro da linha do pescoço 65,5 cm, e perímetro do focinho 32 cm.

O lado esquerdo é muito mutilado e um tanto aplanado.

O lado direito (Fig. 2 e Est. III, Figs. 12 e 13) está, praticamente, íntegro.

Na ponta do focinho notam-se as duas narinas, a esquerda ligeiramente mutilada no seu bordo superior.

Boca bem rasgada, estendendo-se pelo lado direito num sulco de cerca de 10 cm, sobreposto por um grande dente canino, que parece nascer da queixada inferior (javali?). Na frente o sulco bucal é menos marcado e em parte mutilado.

No quarto posterior avulta um saliente em cordão, oblíquo de baixo para cima e de diante para trás, seguido de goteira, especialmente marcada na parte superior, goteira que parece indicar a linha do pescoço.

4 — Focinho de porco de granito de grão fino, roliço, com ligeira crista na linha superior do plano sagital, aparecido

no cabeço da Coraceira a sw do Monte de Santa Luzia (Ests. iv e v, Figs. 14 e 15).

Comprimento entre verticais 14,5 cm.

Altura máxima no plano de fractura 14,5 cm.

Plano anterior do focinho quase circular, com 11,5 cm de diâmetro vertical e 10,5 cm de diâmetro transversal. Narinas bem marcadas, ligeiramente assimétricas, a esquerda um pouquinho maior e um pouco mais acima da direita, como mostram as fotografias das Ests. iv e v, que dispensam um desenho.

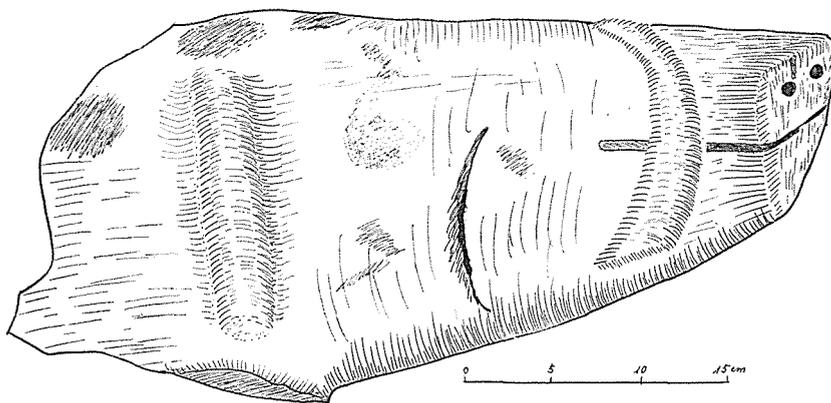


Fig. 2 — Focinho de porco ou de javali, do Cabeço da Coraceira, a SW do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta).

Boca marcada por um sulco, mutilado no extremo do lado direito, mutilação que se estende ao bordo do focinho.

A superfície deste focinho é bem alisada com a ligeira crista mediana referida.

Esta pequena porção de focinho, que se pode dizer apenas ponta do mesmo, pelo seu perfeito modelado, deve ter pertencido a uma cabeça cuidadosamente esculpida.

Se pertenceu a animal de corpo inteiro, este devia ser relativamente grande e um esplêndido porco de pedra.

5 — Troço cilindróide de granito de grão fino, com 18,5 cm de comprimento e 17 cm de altura: as larguras são 11,5 na parte

posterior e 15 cm na superfície de fractura anterior (Figs. 3 e 4 e Est. vi, Figs. 16 e 17).

A Fig. 17 da Est. vi mostra a face que parece ser a traseira. Está muito mutilada, tem de altura 16,5 cm e de largura 11,5 cm.

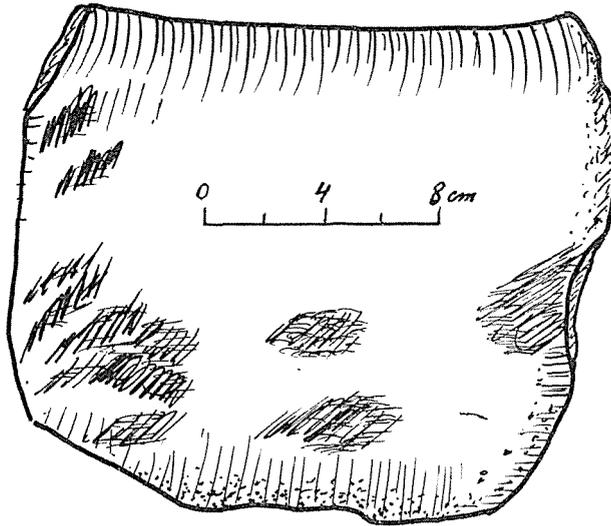


Fig. 3 — Troço da posição posterior de um berrãozinho, visto de perfil, com várias manchas de mutilações.

Este destroço da porção posterior de um pequeno berrão tem o lombo bem arredondado e liso e os lados abaulados.

A face inferior tem dois sulcos grandes e um mais pequeno de picotado feito a ponteiro.

Esta superfície inferior, aplanada, deve corresponder, na maior parte, ao plano de fractura que lhe decepou as patas posteriores.

As mutilações da traseira originaram duas pequenas covas. Não se nota nem ânus nem vestígios de órgãos sexuais, que provavelmente não teriam sido esculpados.

Parece, pois, tratar-se da porção posterior do corpo de um berrãozinho.

6 — Peça estranha de granito de grão fino foi achada a cerca de duas centenas de metros do cabeço da Coraceira, em terreno também chamado Coraceira, mas a sul do Monte de Santa Luzia.

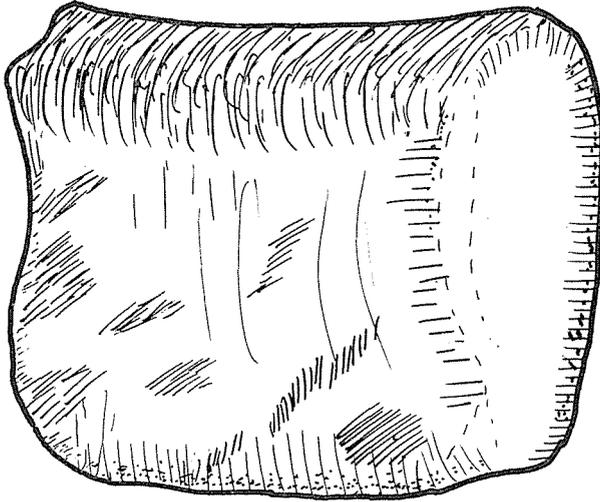


Fig. 4 — Desenho da pedra da figura anterior, mostrando o topo posterior e o lombo abaulado.

A pedra tem forma sensivelmente rectangular com 34 cm de comprimento por 32 cm de maior altura, e espessura ântero posterior de 22 a 25 cm.

O desenho esquemático (Fig. 5), e as fotografias, da Est. VII, Fig. 18, mostram a existência de um arco inferior, com face ou rebordo granulado em picotado grosseiro, feito no entanto com certa regularidade.

Por cima vê-se um rebaixo de cerca de 1,5 cm que bordeja e cobre um friso decorativo formado por cerca de 20 pequenas arcaturas.

A outra face é, na maior parte, aplanada tendo na porção anterior um rebaixo com cerca de 5 cm de desnível.

7 — Outra peça estranha e de interpretação embaraçosa vai representada no desenho da Fig. 6 e na fotografia da

Est. VII, Fig. 19, também aparecida no cabeço da Coraceira, a sw do Monte de Santa Luzia.

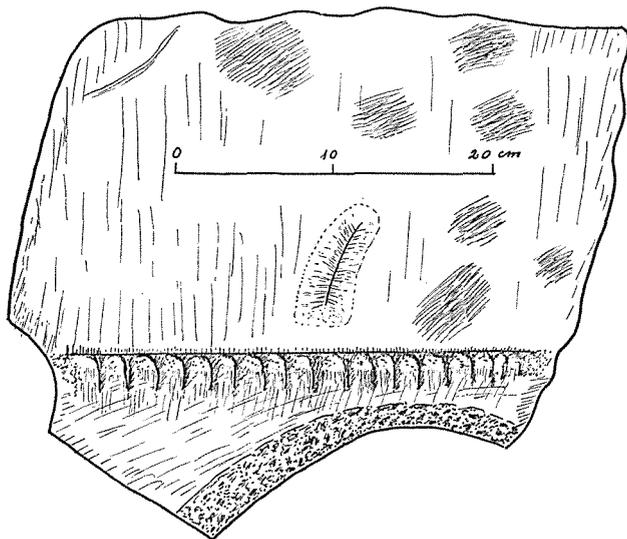


Fig. 5 — Desenho esquemático da pedra da Coraceira a Sul do Monte de Santa Luzia.

É pedra de granito de grão fino, com 26 cm de comprimento por 17 cm de altura máxima. O perímetro da ponta da porção cilindróide é de 37,5 cm e para trás aumenta para 42 cm.

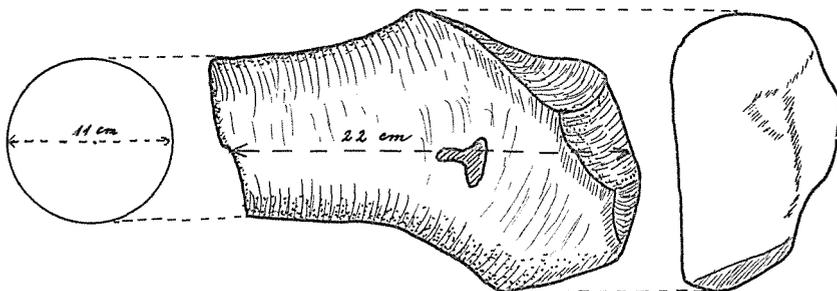


Fig. 6 — Pedra de granito de grão fino, de interpretação embaraçosa, e cujo significado deixamos em suspenso.

É embaraçoso atribuir significado a esta pedra.

A metade esquerda é cilindróide bem lisa, o que denota cinzelagem cuidada. Faz lembrar o corpo roliço dum porquinho de pedra. Mas pode também ser, talvez, uma porção de focinho a que se teria quebrado a ponta. Neste caso a outra parte mais volumosa poderá ser uma porção da cabeça esmucada por ablação de grandes lascas, que deixaram uma superfície quase circular e côncava com 9,5 cm de diâmetro.

De qualquer modo a interpretação desta pedra é embaraçosa e custa considerá-la como verdadeiro destroço de berrão.

#### BERRÃOZINHO DA QUINTA DE SANTIAGO (Freixo de Espada-à-Cinta)

Na Quinta de Santiago, termo da freguesia de Ligares e concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, propriedade do Sr. Almirante Sarmiento Rodrigues, António Júlio Carapuça Pires, hoje com 15 anos, disse-me que teria os seus 8 anos quando, na Choupada, à borda da Ribeira que atravessa a quinta, encontrou o porquinho de pedra e o trouxe para casa. Depois fixou-o com cimento no cimo duma parede e pôs-lhe na frente do focinho uma pequenina pia (Est. VIII, Figs. 20 e 21).

Em 30 de Março de 1976 na companhia do Sr. Elísio Capelas Avelar fomos ver o porquinho.

É um berrãozinho bem cinzelado, sem peanha e sem qualquer mutilação. Está íntegro, não mostra sinais de desgaste por rolamento em arraste pela corrente da Ribeira em maré de trovoadas chuvosas, que levasse a pensar que o porquinho tivesse vindo, de mais ou menos longe, arrastado pela torrente.

Por isso, é mais de crer que seja de origem local. Talvez tenha aparecido na surribe de plantação duma vinha na Choupada, no sítio da Capela, sítio que fica à margem da Ribeira, e é assim chamado por ali ter havido uma capela consagrada a S. Tiago.

O berrãozinho é de granito de grão fino.

Registe-se que no termo da freguesia de Ligares não há granito. Naquelas redondezas só há granito em Freixo de Espada-à-Cinta, em frente à barragem de Saucelhe, e, fora do termo de Freixo, em Escalhão, no Souto da Velha e em Bruçó.

O berrãozinho tem de comprimento 31 cm. A altura no aprumo das patas anteriores é 14 cm, e no aprumo das posteriores um pouquinho mais, 14,5 a 15 cm.

Perímetros: nas axilas 30 cm, nas virilhas 32 cm.

O berrãozinho é de superfície lisa, bem cinzelado com o focinho roliço, sem se lhe distinguir, nem boca, nem narinas, nem olhos.

A parte posterior é roliça e um tanto proeminente.

Tem esboço de crista raquidiana, mais acentuada no alto da nuca.

Na face ventral apresenta na linha média, junto das virilhas, um saliente que pode ser considerado como o forro peniano.

Deve tratar-se de um macho, um berrãozinho, embora a traseira não mostre as típicas proeminências testiculares. Também não tem ânus.

O achador do porquinho, António Júlio Carapuça Pires, de 15 anos, que frequenta o curso liceal em Freixo, prontamente se dispôs a ceder o berrãozinho para ser resguardado em museu, porém a mãe, que entretanto chegou, opôs-se tenazmente a que o porquinho dali saísse.

Lá está, à espera de ser recolhido num Museu, onde é o seu devido lugar.

#### AS DUAS ZOOMORFIAS DE MAIROS (Chaves)

O Abade de Baçal, a pág. 545 do Vol. ix das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, informa que, em Mairos, freguesia do concelho de Chaves, que faz fronteira com a Galiza, e fica a 16 km de Chaves, na casa da família Aires, na rua das Carcavelhas, «há metidos na parede, junto ao cimo, duas esculturas representando quadrúpedes no tipo dos porcos».

Delas me ocupei a pág. 396 do meu trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Trás-os-Montes*, cit., no capítulo «Os dois porcos (?) de pedra de Mairos». Já então pressentia que as esculturas não fossem de porcos, como depois tive ensejo de verificar quando pude ir a Mairos.

O Abade de Baçal diz que aquela casa lhe serviu de residência paroquial durante os sete anos (1889 a 1896) que parouquiou Mairos, e lhe disseram que aqueles quadrúpedes foram encontrados no sítio da Tróia.

Este sítio, que em 1934 visitei com o Prof. Mendes Correia e com o dedicado companheiro e amigo Rui de Serpa Pinto, é o Castro da Tróia, que, então, ainda tinha muralhas razoavelmente conservadas e onde colhemos alguns pedaços de cerâmica tipicamente castreja.

Em 27 de Outubro de 1975 pude ir a Mairos ver os tais «quadrúpedes do tipo dos porcos». Acompanharam-me, desde Chaves, o Sr. Padre Adolfo Magalhães e o estudante Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro.

Não se trata de esculturas de porcos, mas sim de animais diferentes, que o povo de Mairos considera, e com alguma razão, *lobo* e *raposa*.

Tais esculturas estão incorporadas no alto dos cunhais da casa <sup>(1)</sup> perto do beiral do telhado (Est. ix, Figs. 22 e 23).

Um deles, o considerado *lobo*, está implantado no cunhal sobranceiro à escada de pedra que leva ao primeiro andar, e estava em parte encoberto pela folhagem de uma videira. (Figs. 23 e 25 das Est. ix e x).

Na outra esquina (Est. x, Fig. 26) está metida no cunhal a pedra com o animal esculpido que parece uma *raposa*.

Com uma escada, prontamente cedida, pude observar de perto e fotografar as duas pedras.

---

(1) O verraco de pedra da citânia do Monte de Santa Tecla, La Guardia, Galiza, segundo informação do ilustre galego e meu querido amigo D. Luis Bouza-Brey, está cravado na parede de uma casa, próximo do cunhal, a uns 70 ou 80 cm do chão.

A pedra de granito, que termina pela cabeça e parte dianteira do corpo do animal considerado *lobo*, está metida na parede e a faciá-la numa extensão de 45 cm, a que se segue a parte esculpida que salienta cerca de 30 cm, e representa a metade anterior do animal.

Como o desenho da Fig. 7 e a Est. x, Fig. 25 bem mostram, a cabeça é um tanto globosa, com olhos bem marcados e boca amplamente rasgada até atrás dos olhos. Não se lhe distinguem orelhas.

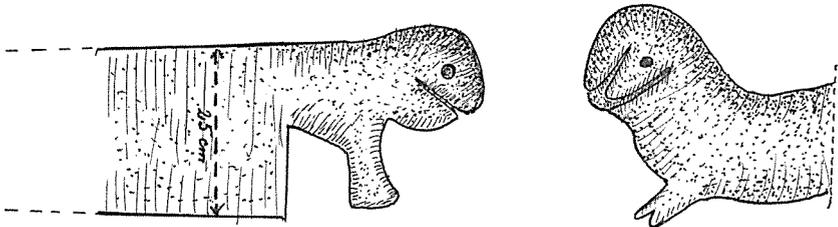


Fig. 7—Os dois lados da escultura zoomórfica que o povo de Mairós interpreta como representando um lobo.

No outro cunhal, como a Fig. 23 da Est. ix e a Fig. 26 da Est. x, bem mostram, salienta-se a cabeça e parte anterior do corpo da considerada *raposa*.

É escultura feita de granito e mede, desde a ponta do focinho até à extremidade da cauda, 94 cm. Tem olhos grandes, bem marcados, com 3,5 cm de diâmetro; boca, no início com 4 cm de abertura, amplamente rasgada até atrás dos olhos; queixo parcialmente mutilado bem como a pata anterior esquerda (Fig. 8 e Est. x, Fig. 24).

A porção posterior do animal está esculpida em relevo.

A cauda mede 40 cm de comprimento, tem no meio 5 cm de largura e termina adelgaçando para 3,5 cm.

Não tem pois a característica da cauda da raposa, que é farta e empenachada.

O ventre é arredondado, ou, melhor, abaulado, como animal em estado de prenhez.

A escada não era suficientemente alta para me permitir tirar medidas à cabeça.

O desenho da Fig. 8 e a Fig. 24 da Est. x mostram todo o animal e a fotografia mais a parte que salienta do cunhal.

De qualquer modo a impressão que se colhe é de que provavelmente se trata da representação de uma raposa.

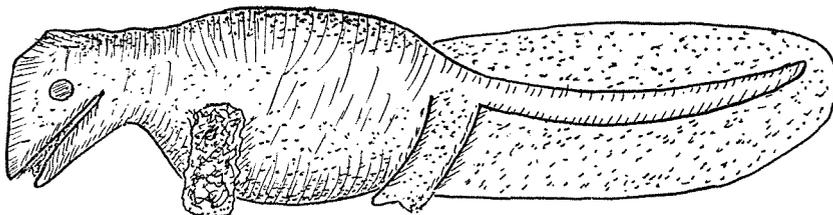


Fig. 8 — Escultura zoomórfica que o povo de Mairos considera como representando uma raposa.

São duas esculturas zoomórficas bem diferentes das estátuas dos porcos e touros, pelo que não podem considerar-se como berrões, mas nem por isso deixam de ter grande interesse arqueológico. Há que cuidar da sua defesa *in situ*, ou então recolhê-las ao Museu de Chaves. Informaram que havia pouco tempo ali apareceu um homem que ofereceu 5 000\$00 por cada uma daquelas pedras.

Disseram ao Abade de Baçal, na última década do século passado, que aqueles «quadrúpedes» foram encontrados no sítio da Tróia. Ora a Tróia é um grande castro que visitámos, como já disse, em 1934.

Trata-se portanto de duas zoomorfias castrejas.

Se de facto são representação de lobo e de raposa, pode pôr-se a hipótese de estas duas pedras terem pertencido a um curral em cujas paredes estivessem incrustadas, de cabeças salientes, como símbolos míticos protectores dos gados.

Ainda neste caso tudo leva a poder considerar estes dois animais como mais um documento a atestar o florescimento espiritual do culto zoolátrico em Trás-os-Montes.

## CONCLUSÕES

No grupo das sete pedras aparecidas na Coraceira, terrenos circundantes e anexos ao Castro do Monte de Santa Luzia, há, como vimos, 2 berrãozinhos mutilados, 2 focinhos de porcos, um troço da metade posterior de outro berrãozinho e duas pedras estranhas de interpretação difícil e cujo significado deixamos em suspenso.

Aos 49 berrões indicados na Fig. 1, pág. 355 do trabalho citado *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, há que tirar dois, os de Mairós, o que reduz o número 49 para 47. Juntando-lhe os 5 novos berrões da Coraceira e o berrãozinho da Quinta de Santiago temos pois o total de 53 berrões.

Dado este grande número de berrões, mais de meia centena, a quase totalidade é de Trás-os-Montes, pois só 4 é que são da Beira Trasmontana, é lícito considerar a nossa tão castiça província de Trás-os-Montes como um importante núcleo do florescimento espiritual do culto zoolátrico, e até, possivelmente, como um centro de criação da cultura dos berrões.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
10 de Novembro de 1976

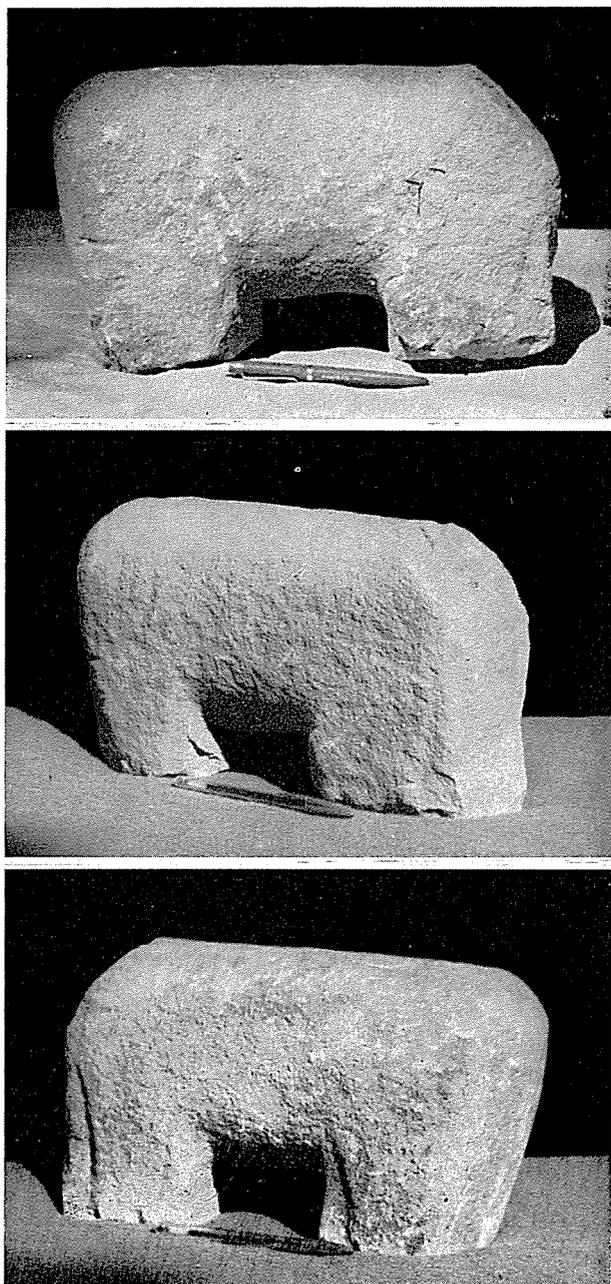


Fig. 9 — Berrãozinho do Cabeço da Coraceira a sw do Castro do Monte de Santa Luzia. A caneta das 2 fotografias inferiores mede 14,5 cm.

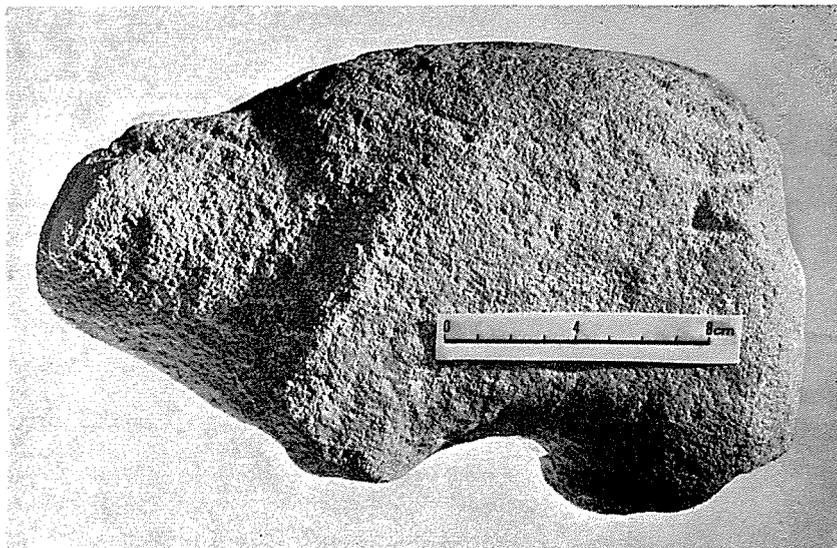


Fig. 10 — Berrãozinho do Cabeço da Coraceira.

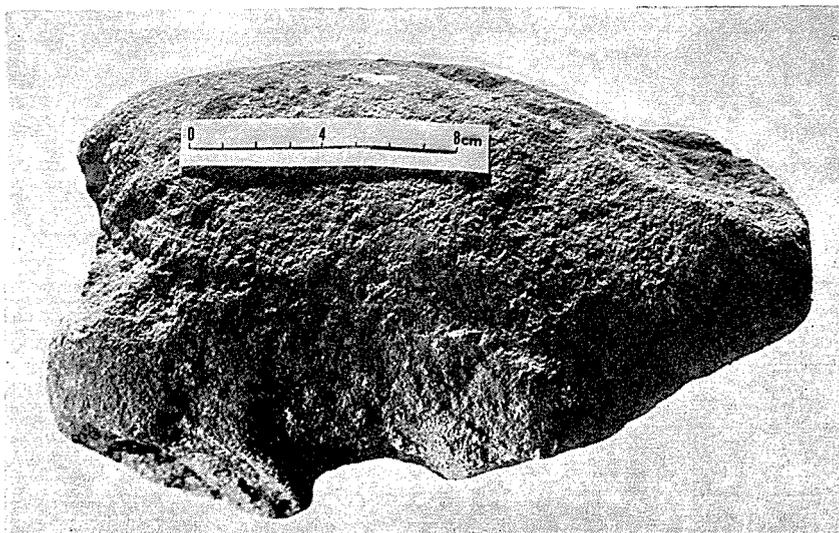


Fig. 11 — O berrãozinho da Fig. anterior visto do lado direito. Na traseira nota-se a curvatura de escavação em concha.

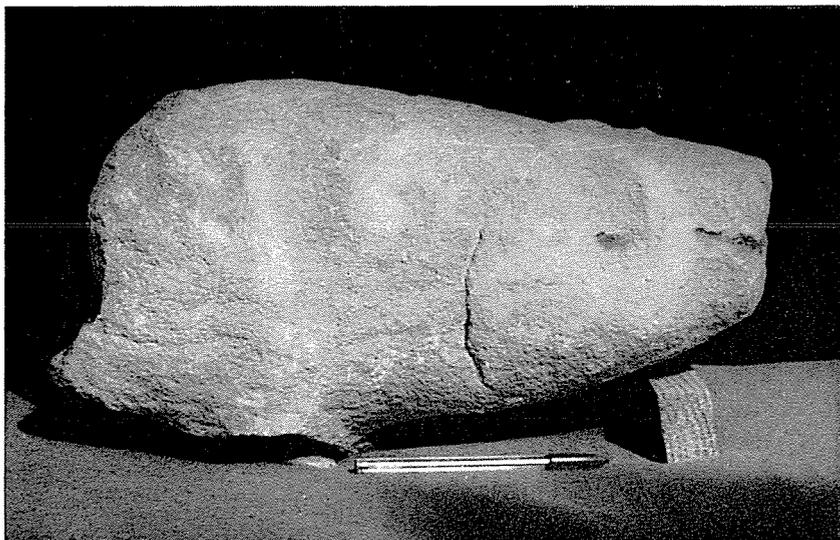


Fig. 12 — Focinho de porco achado no Cabeço da Coraceira a sw do Castro do Monte de Santa Luzia. A caneta mede 14,5 cm.

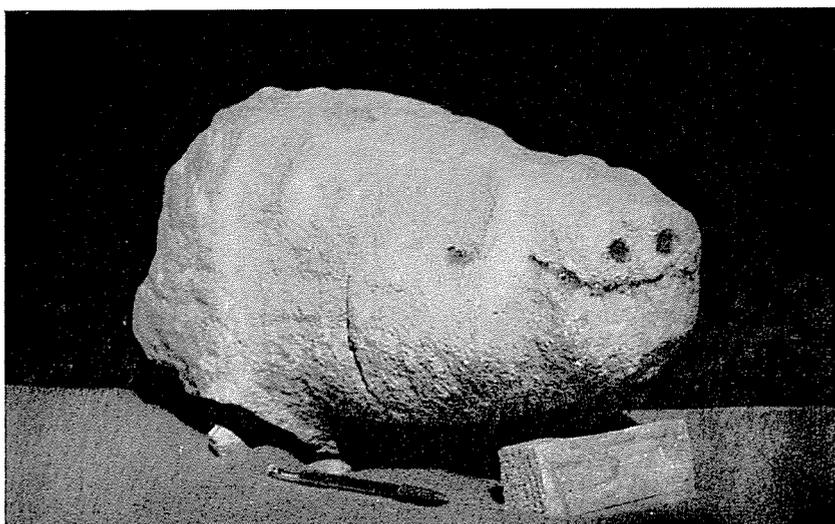


Fig. 13 — Outro aspecto do focinho da figura anterior.

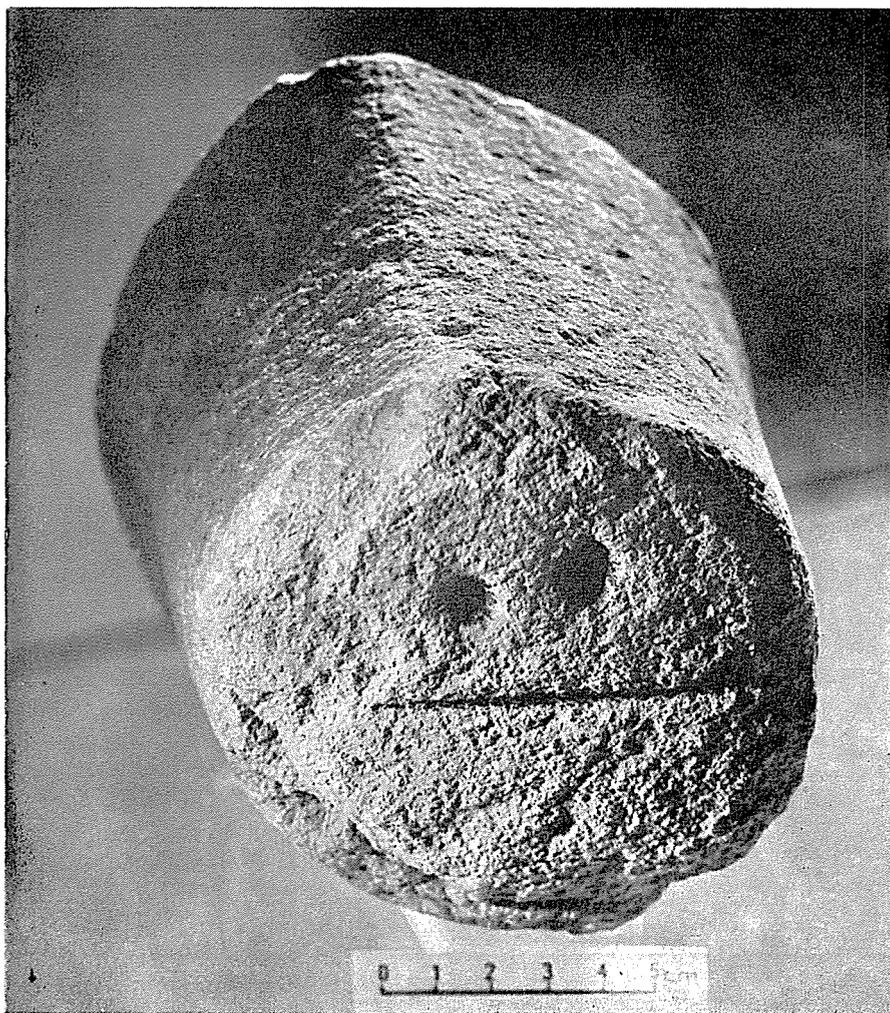


Fig. 14 — Focinho de porco achado no Cabeço da Coraceira a sw do Castro do Monte de Santa Luzia.

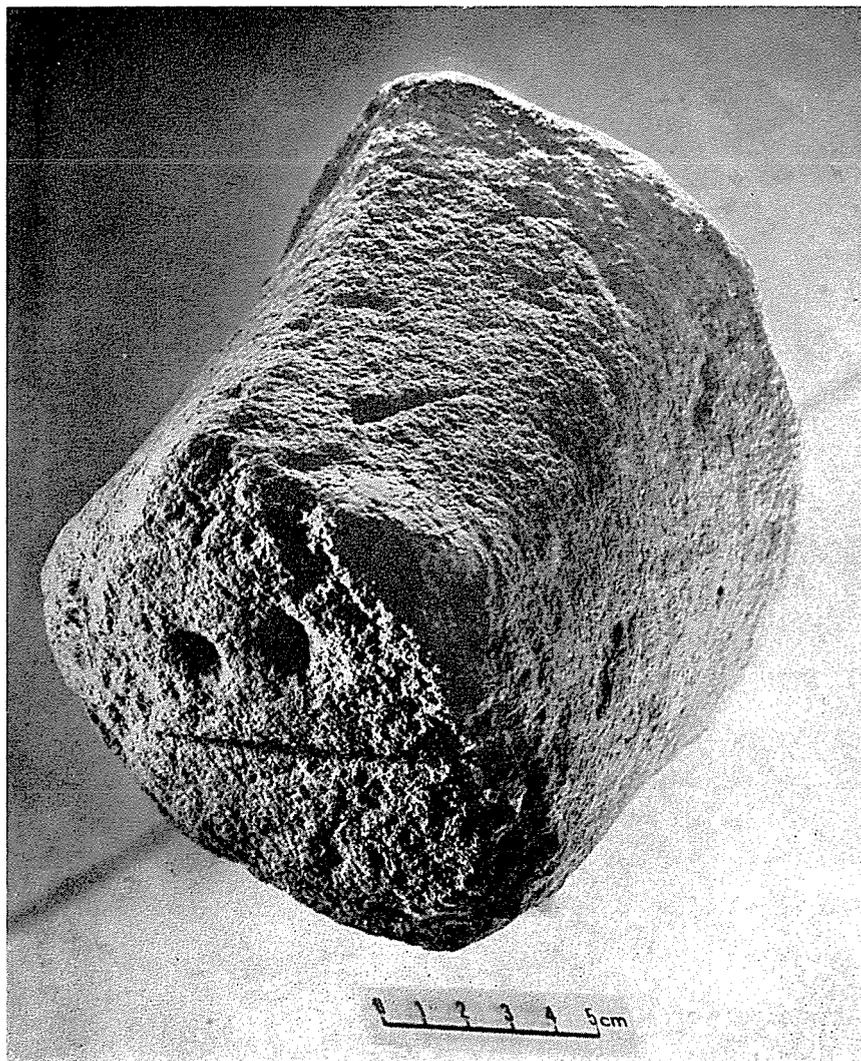


Fig. 15 — Outro aspecto do focinho da figura anterior, realçando a mutilação do bordo esquerdo do focinho.

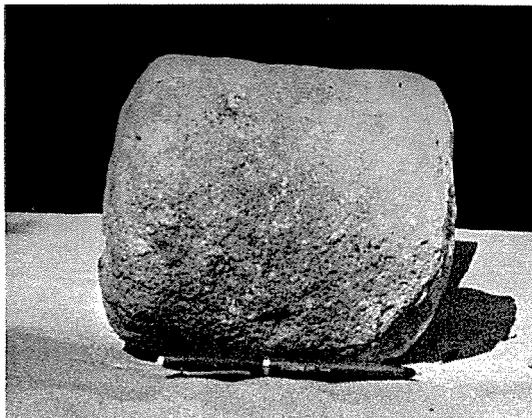


Fig. 16 — Troço cilindróide da parte posterior dum berrãozinho achado no Cabeço da Coraceira a sw, do Castro do Monte de Santa Luzia.

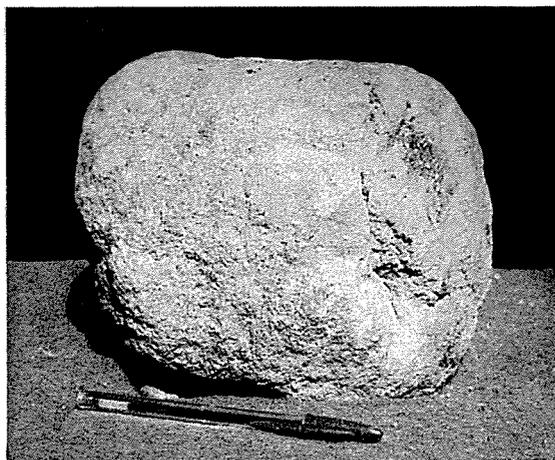


Fig. 17 — Outro aspecto da figura anterior mostrando as mutilações na traseira. A caneta mede 14,5 cm.

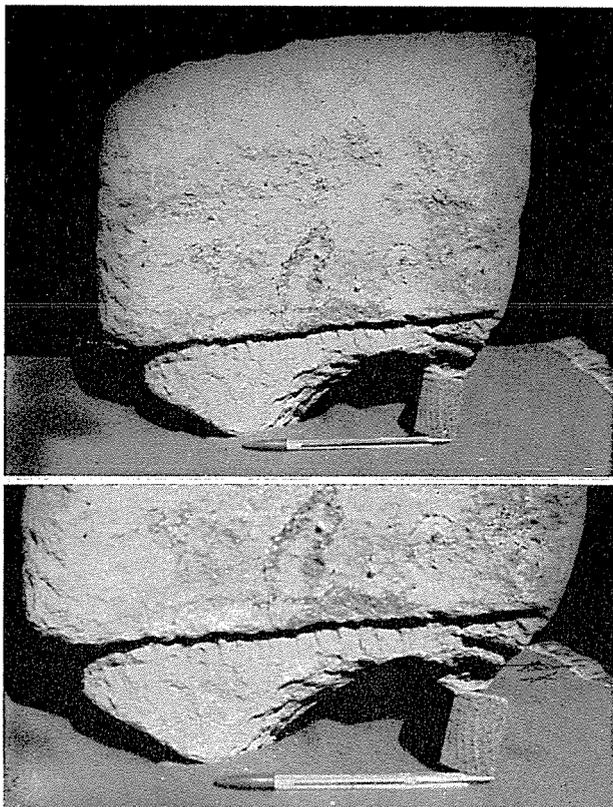


Fig. 18 — Pedra estranha achada na Coraceira a Sul do Castro do Monte de Santa Luzia com 34 cm de comprimento por 32 cm de altura máxima. A caneta mede 14,5 cm.

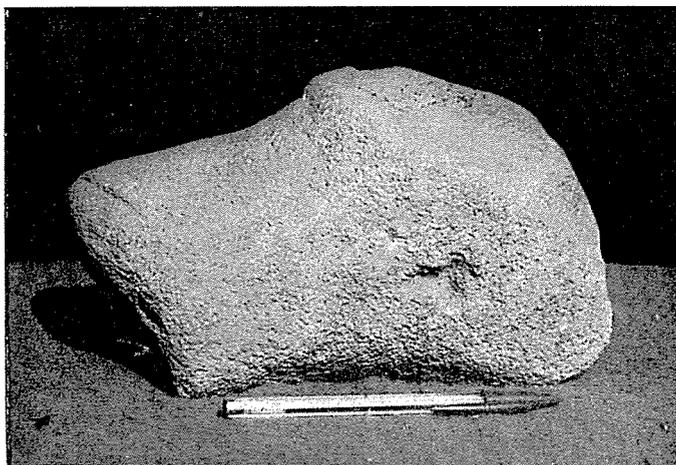


Fig. 19 — Pedra estranha, que, apesar da parte cilindróide, com 39 cm de perímetro, dificilmente se enquadra na morfologia porcina. Achada no Monte da Coraceira a sw do Castro do Monte de Santa Luzia.

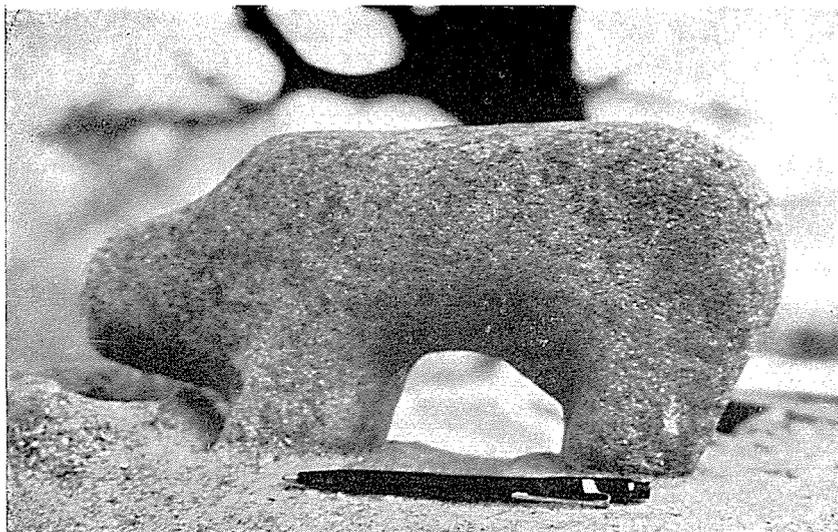


Fig. 20 — Berrãozinho da Quinta de Santiago, aparecido na Choupada, margem da Ribeira que atravessa a quinta.

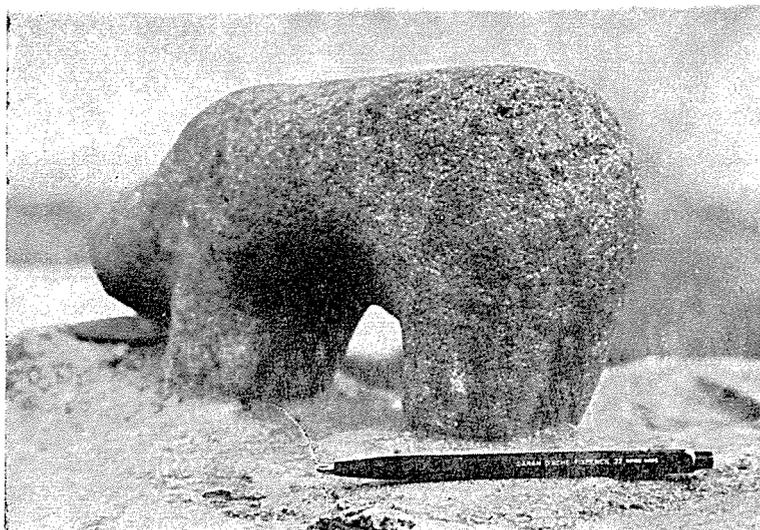


Fig. 21 — Outro aspecto do berrãozinho da figura anterior mostrando a goteira da separação das patas posteriores.

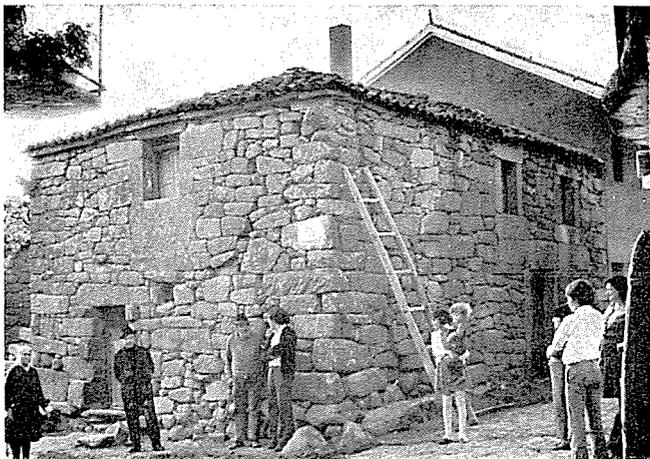


Fig. 22 — A casa da família Aires na rua das Carcavelhas. No alto dos cunhais estão implantadas duas pedras representando possivelmente lobo e raposa, como são interpretadas pelo povo de Mairós, e com alguma razão de ser.



Fig. 23 — Fachada da casa da figura anterior, mostrando no cunhal do primeiro plano a folhagem da videira que tapa a escultura do lobo, e, no outro cunhal, salienta, a cabeça do animal considerado como raposa.



Fig. 24 — Escultura de quadrúpede de grande cauda que tem sido considerada como representando uma raposa.



Fig. 25 — Cabeça e parte anterior da escultura que tem sido considerada como de lobo.



Fig. 26 — Cabeça e parte anterior da escultura que tem sido considerada como de raposa.